O LUGAR DA VOZ NA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM

Carmem Luci da Costa Silva[1]
Luiza Milano[2]

RESUMO: O presente artigo, a partir de discussões filosóficas e linguístico-enunciativas sobre a experiência humana na linguagem, tem como objetivo responder à questão: *qual o lugar da voz na aquisição de linguagem?* Para tanto, será destacado o aspecto vocal da enunciação, relacionando-o às discussões sobre voz e linguagem. Para tratar da relação entre voz, enunciação e aquisição da linguagem, serão apresentados dados de fala de uma criança em fase de aquisição de linguagem.
Palavras-chave: Aquisição de linguagem. Voz. Enunciação.

THE ROLE OF THE VOICE IN LANGUAGE ACQUISITION

ABSTRACT: This article, taking into account philosophical and enunciative linguistics discussions on experience in human language, intends to answer the following question: *what is the role of voice in language acquisition?* For that, the vocal aspect of enunciation will be highlighted, relating it to the discussions on voice and language. In order to approach voice, enunciation and language acquisition, speech data of a child in the process of acquiring a language will be presented.
Keywords: Language acquisition. Voice. Enunciation.

1 PALAVRAS INICIAIS

Antes mesmo de ser o suporte e o canal de transmissão das palavras através da linguagem, a voz é um imperioso grito de presença (BOLOGNA, C. *Voz*, 1987)

Os estudos sobre aquisição de linguagem muito já disseram sobre como a criança organiza seu dizer a partir daquilo que os estudiosos do campo reconhecem como a instância da língua constituída. Ainda que abordado de diferentes pontos de vista, o processo de aquisição da linguagem é vastamente investigado com foco voltado

[1] Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professora na mesma Universidade, onde atua na graduação em Letras e no respectivo Programa de Pós-Graduação, na linha de pesquisa de Teorias do Texto e do Discurso. E-mail: clcostasilva@hotmail.com
[2] Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professora na mesma Universidade, onde atua na graduação em Fonoaudiologia e em Letras e no respectivo Programa de Pós-Graduação, na linha de pesquisa de Teorias do Texto e do Discurso. E-mail: luizamilanos@gmail.com

para os elementos linguísticos *stricto sensu*, dando ênfase a aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, prosódicos, semânticos e/ou pragmáticos. No entanto, no que se refere ao aspecto vocal/fônico desse processo, a reflexão parece ser ainda tímida. E é nesse sentido que o presente artigo buscará responder à questão: *qual o lugar da voz na aquisição de linguagem?*

Na tentativa de iniciar uma exploração do delicado e fugaz terreno da voz, partiremos de uma breve retomada dos estudos acerca do aspecto vocal/fônico da língua como forma de indicarmos um percurso possível para subsidiar uma resposta à questão acima levantada.

Especificamente para este trabalho, partiremos da seguinte formulação: *tanto para a criança e para outros (falantes) como para o pesquisador de Aquisição da Linguagem, a linguagem tem como função "dizer alguma coisa".* Essa formulação remete à noção de *significação*, problemática central da reflexão enunciativa sobre linguagem, base da discussão sobre aquisição de linguagem proposta em nosso estudo.

O investigador, ao se deparar com dados de aquisição, põe-se diante do observável, contemplando a criança e a sua linguagem. Tal fato produz um efeito de apreensão da fala da criança, instaurando, ao mesmo tempo, uma realidade marcada pela "falta", porque as vocalizações da criança "escapam" à regularidade da natureza articulada da língua. Como a ausência de regularidade e de sistematicidade – marca atualizada pelo aspecto vocal/fônico - produz sentido?

Essas constatações e questionamentos suscitam o desejo de responder às seguintes questões: Como as vocalizações da criança, anteriores à linguagem articulada, produzem sentido? Como formas, aparentemente semelhantes, carregam sentidos distintos nas relações interlocutivas? Qual o estatuto da voz para a criança assegurar seu lugar enunciativo e produzir sentidos para o outro?

Para responder aos questionamentos, o estudo apresenta a seguinte estrutura: na primeira seção, circunscrevemos o aspecto vocal da enunciação, relacionando-o às discussões sobre *voz* e *linguagem;* na segunda, tratamos da relação entre voz, enunciação e aquisição da linguagem; na terceira, olhamos para fatos enunciativos de uma criança para discutir o papel da voz na constituição de sentidos em seus atos de linguagem.

2 LINGUAGEM, VOZ E ENUNCIAÇÃO

Assumindo a concepção benvenistiana acerca da linguagem, consideramos que a possibilidade de a criança encontrar sua língua materna e nela se instaurar está na faculdade humana de vocalizar e, consequentemente, *simbolizar*. Essa faculdade simbolizante está na base da significação e da relação homem-linguagem-cultura. É na interdependência desse trinômio língua, cultura e homem que se enlaça o sistema cultural com o sistema da língua, pois, como afirma Benveniste (1989, p. 22), "tudo que é do domínio da cultura deriva no fundo [...] de sistema de valores [...] que se imprimem na língua". E, aqui, retomamos uma das teses benvenistianas, que se centra no fato de que a existência do homem na linguagem está atrelada a seu nascimento na cultura:

> E se digo que o homem não nasce na natureza, mas na cultura, é que toda criança e em todas as épocas, na pré-história a mais recuada como hoje, aprende necessariamente com a língua os rudimentos de uma cultura. Nenhuma língua é separável de uma função cultural. [...] A linguagem tem sempre sido inculcada nas crianças pequenas, e sempre em relação ao que se tem chamado as realidades que são realidades definidas como elementos de cultura, necessariamente. (BENVENISTE, 1989, p. 23/24).

Qual o lugar da voz nessa dimensão antropológico-cultural de homem na linguagem? Como a criança, em relação com o outro, vocaliza para significar?

Tais questionamentos encaminham-nos a pensar no que diz Meschonnic (1982) acerca da linguagem. Segundo o autor, os gestos, o ritmo, a mímica, a entonação não estão no signo, mas no sujeito. Entendemos, com isso, que o autor propõe que as manifestações de linguagem são constitutivas de uma teoria da sociedade, num projeto antropológico que leva em conta as condições de funcionamento da linguagem relacionadas ao homem. Essa reflexão nos permite afirmar que uma criança, no ato de aquisição da linguagem, apropria-se da linguagem, com elementos que vão além da língua, o que implica pensar, conforme propõe o teórico, que tais elementos são capazes de produzir sentidos singulares que extrapola unidades da língua.

Por isso, a instigante crítica de Cavarero, ao apontar o quanto a cultura ocidental despreza a voz, dialoga com as nossas inquietações. Procurando os efeitos desse descarte da voz particularmente no campo da filosofia, a autora italiana destaca a primazia que o *logos* (palavra) obteve em relação ao *phoné* (som). A voz marca a unicidade da condição humana, é aquilo que nos diferencia dos demais. Cavarero (2011, p. 29) propõe que pensemos a relação entre a voz e a palavra como uma relação de unicidade que, mesmo soando principalmente na voz que ainda não é palavra, continua

a ressoar na palavra a que a voz humana é constitutivamente destinada. Destaca ainda que o sentido transita da esfera acústica à palavra e, consequentemente, a tarefa da voz é a de funcionar como trâmite entre corpo e palavra.

No entanto, precisamos lembrar que os sons emitidos pelo homem através da voz são eventos dinâmicos e efêmeros. Eis o lugar onde a voz encontra abrigo: na escuta do outro. É pelo ouvido que reconhecemos a unicidade da voz de alguém. É pelo efeito de escuta que recortamos uma impressão fônica como familiar.

Paul Zumthor (2010), em sua "Introdução à poesia oral", propõe pensarmos o laço entre voz e linguagem como força fundante daquilo que seria o genuinamente humano. Zumthor chama de "*palavra* a linguagem vocalizada, realizada fonicamente na emissão da voz" (*op. cit*., p.11). Se a voz é voz *na* linguagem, como subtrair-lhe aquilo que lhe dá contorno e existência?

Encontramos em Bologna (1987, p.80) que "a voz e a palavra são *dissimuladas* na sua "espontaneidade", e *simuladas*, pelo contrário, para o exterior, a fim de adequar a aparência ao catálogo normativo das retóricas sociais". Portanto, se linguagem e voz vivem dissimuladas no sujeito, cabe ao pesquisador em aquisição de linguagem, ao menos àquele interessado em trabalhar com o dizer de um sujeito, construir junto a esse sujeito formas possíveis de edificar essa simulação que o laço social tanto demanda. A questão é: até que ponto essa simulação diz respeito a cada falante? Se, através da voz algo escapa à tentativas de padronização, vemos que na infância emergem formas tão surpeendentes de fazer algo com a voz desde um tal "padrão inesperado."

Bologna (1987, p. 60), resgatando Benveniste, diz que a voz jorra antes de se formar qualquer caráter no duplo domínio semiótico (universo da língua) / semântico (universo do discurso). O que brota na fala da criança, muito antes de ser palavra, antes até de ser esboço de palavra, é já voz indistinta, voz sem contornos, voz feito massa amorfa de som em busca de um contorno de sentido. Aqui acompanhamos Parret (2002), ao falar dos três tempos da voz: a *voz antes da linguagem* (entendida como língua enquanto sistema), a *voz-palavra* e a *voz para além da linguagem*. Vejamos isso mais de perto.

Ao apresentar as múltiplas faces da relação entre a voz e o tempo, Parret propõe pensarmos esses três tempos por um viés que nomeia *fono-estética*. É importante salientar que os três tempos não são cronológicos, mas esferas semantizadas na relação

entre o corpo e seu substrato sonoro. Assim, o linguista concebe a "voz antes da linguagem" como manifestação presente no infante em que o balbucio traz à tona o nascimento "bruto" da linguagem, a voz antes do impacto das restrições fonemáticas e gramaticais de uma dada língua. É a partir do momento em que se inicia um recorte com valor fonemático – diferencial e sistemático – que presenciamos a instância da "voz-palavra". Já a noção de "voz para além da linguagem" remete à fronteira entre voz falada e voz cantada. É nessa esfera em que Parret (2002, p. 34) situa o investimento passional da voz, destacando a continuidade e a imbricação entre essas três esferas sonoras da voz.

Vemos aqui o quanto a voz como lugar e meio de articulação dos fonemas, a voz como portadora de linguagem e a voz como marca entonacional pulsante apontam para a voz como criadora de um lugar enunciativo para o sujeito.

O termo *voz*, no contexto de nosso trabalho, é, portanto, o nome que damos à abordagem do aspecto fônico na enunciação. Trata-se de uma semântica da voz, de uma análise da voz como contorno enunciativo que evoca sentidos. A questão está em ver como a voz se articula com o sujeito na aquisição da linguagem, fato a ser discutido na seção seguinte.

2 VOZ E AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

O que é relevante para a criança, de início, parece ser a relação prazerosa com os sons a que se entrega diante da sustentação do outro. Para o filósofo Giorgio Agamben (2008a), o fato de a criança encontrar-se no hiato entre língua e discurso é o que lhe permite produzir um saber e uma história na linguagem, argumentando que

> para um ser (...) que já fosse, portanto, sempre falante e estivesse sempre em uma língua indivisa, não existiriam conhecimento, nem infância, nem história: ele estaria sempre unido à sua natureza linguística e não encontraria em nenhuma parte uma descontinuidade e uma diferença nas quais algo como um saber e uma história poderiam produzir-se (AGAMBEN, 2008a, p. 14).

A discussão sobre a infância conduz justamente o autor a uma reflexão sobre a voz humana. A *in*-fância, como lugar daquele que ainda não fala por meio de uma língua articulada, não é simplesmente um fato do qual seria possível isolar um lugar cronológico, nem algo como uma idade ou um estado psicossomático que uma ciência poderia construir como um fato humano fora da linguagem. O inefável, o "inconexo"

são elementos que pertencem justamente à linguagem humana: longe de assinalar um limite da linguagem, exprimem um lugar de significação, pois "o indizível é precisamente aquilo que a linguagem deve pressupor para poder significar" (AGAMBEN, 2008a, p. 11).

Pensar o estatuto do ato de aquisição da linguagem encaminha-nos a refletir sobre como um saber e uma experiência na linguagem são produzidas. O filósofo vê o reconhecimento do sujeito da linguagem como o fundamento da experiência, já que, conforme Benveniste (1995), o homem se constitui como sujeito na linguagem. Considerando esse princípio, o filósofo defende que não se pode buscar a in-fância antes e independente da linguagem, pois jamais encontramos o homem fora da linguagem. Por mais que voltemos no tempo, sempre encontraremos um homem falando com outro homem.

Consideramos neste estudo que a voz na aquisição da linguagem, enquanto presença da criança na linguagem, ainda que não se manifeste como língua articulada, *testemunha* uma "potência que adquire realidade mediante uma impotência de dizer e uma impossibilidade que adquire existência mediante uma possibilidade de falar" (AGAMBEN, 2008b, p. 147). É na possibilidade de falar e em uma impossibilidade de articular palavras que a aquisição da linguagem torna-se um lugar privilegiado de testemunha para um pesquisador que fala de quem não pode falar, mas que apresenta uma potência para tal. E a voz parece ser esse lugar de potência para a criança em sua *in*-fância na linguagem e que lhe assegura viver por assinalar sua presença na linguagem. Nesse caso, a voz garante um espaço onde a língua comparecerá como um ato de instauração da experiência da criança na linguagem.

Como já apontado por Flores e Surreaux (2012, p.94), "a entrada de uma criança numa dada língua impõe-lhe, além da necessidade de assumir um sistema linguístico específico, a necessidade de falar à sua maneira essa língua". Ao adquirirmos uma língua, o fazemos atravessados por uma apropriação muito singular da gramática geral. É pela via da singularidade de cada voz que damos passagem aos aspectos gerais que comungamos. Novamente com Flores e Surreaux (*op.cit.*), afirmamos que a *voz* é, na enunciação, o que singulariza cada um na gramática de uma língua.

Nesse caso, a condição de ainda não falante, zona obscura onde se encontra o *in-fans* – por ainda não ter acesso à fonação linguística propriamente dita –, prepara o

terreno para que ali se constitua um lugar enunciativo, um lugar de sujeito na linguagem. Se, como destaca Bologna (1987), ser "admitido" no mundo é "emitir" um som rítmico, é nesse limite entre voz e palavra que o *in-fans* pede passagem. Tudo indica que a criança muito precocemente percebe que, como diz Benveniste (1989), muito antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver. Que ela [a linguagem] sirva para comunicar, é uma consequência pragmática, meramente pragmática. É experimentando a constituição de um lugar enunciativo inaugurado pela voz, que a criança vai um dia ascender à condição de falante, daquele que põe contorno articulatório na voz, através de produções fonêmicas cada vez mais complexas.

Na medida em que não é desde sempre falante, o homem cinde esta língua una e se apresenta como aquele que, para falar, deve constituir-se como sujeito da linguagem: deve enfim enunciar...É no exercício da língua que se manifesta a experiência humana na linguagem. Como a criança inscreve sua experiência na linguagem por meio de *sua* voz? Essa é a questão que passaremos a refletir na sequência do artigo a partir de alguns fatos de linguagem de uma criança entre onze meses e um ano e três meses de idade.

3 O LUGAR ENUNCIATIVO DA VOZ EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: UM DIÁLOGO COM OS FATOS DE LINGUAGEM

Um dos aspectos da enunciação estudados por Benveniste (1989) diz respeito à realização vocal da língua, e é no interior desse aspecto que este estudo circunscreve a discussão sobre aquisição da linguagem. O linguista chama a atenção para o estudo do aspecto fônico no processo de aquisição, de difusão e de alteração, ressaltando que

> os sons emitidos e percebidos, quer sejam estudados dentro do quadro de um idioma ou nas suas manifestações gerais (...) procedem sempre de atos individuais que o linguista surpreende sempre que possível em uma produção nativa, no interior da fala (BENVENISTE, 1989, p. 82).

Esse aspecto vocal/fônico da enunciação comporta, de um lado, uma estrutura material, possível de ser transcrita e descrita, de outro, uma estrutura imaterial ligada aos sentidos que evoca, conforme lemos nas palavras do semanticista:

> a linguagem é um sistema simbólico especial, organizado em dois planos. De um lado é um fato físico: utiliza a mediação do aparelho vocal para produzir-se, do aparelho auditivo para ser percebida. Sob esse aspecto material presta-se à observação, à descrição e ao registro. De outro lado, é uma estrutura imaterial, comunicação de significados, substituindo os acontecimentos ou as experiências pela sua "evocação" (BENVENISTE, 1995, p.30).

Para Silva (2009), ao estabelecer uma relação prazerosa com os sons a que se entrega diante da sustentação do outro, a criança carrega o *tu* em seu apelo e instaura a "falta" na sua presença mesma. Diríamos aqui que instaura uma falta de língua, de palavra, mas uma presença de sujeito na linguagem marcada pela voz. O outro, o *tu* da relação interlocutória, aceita a presença da voz como demanda de significação, tomando a emissão da criança como instância de sentido. Se há algo que caracteriza a fala das mães e dos adultos em geral dirigidas à criança, esse algo está na prosódia, na entonação, no ritmo e na musicalidade, elementos de voz, que, a nosso ver, são constitutivos das funções enunciativas de asserção, de interrogação e de intimação (BENVENISTE, 1989).

Os fatos enunciativos apresentados abaixo convidam-nos a refletir sobre o papel da voz na aquisição da linguagem.

Fato enunciativo 1[3]

Participantes: FRA (criança informante); MÃE; CAR (tia, filmando); EDU (irmão de 6 anos) e PAI.
Idade da criança: 0; 11.10
Situação: FRA está em sua casa com os familiares.

Com: a MÃE começa a cantar uma música, imitando o andar do cavalo.
MÃE: como é que faz o cavalo?
Com: FRA começa a se sacudir.
FRA: ah ah

Fato enunciativo 2

Participantes: FRA (criança informante), MÃE; CAR (tia, filmando); EDU (irmão de 6 anos) e PAI.
Idade da criança: 0; 11.10
Situação: FRA está em sua casa com os familiares.
MÃE: nana o nenê então Francisca.
FRA: ãh, ãh, ãh, ãh.
Com: FRA pronuncia o som de embalar nenê, olhando para MÃE e rindo.
CAR: [= risos]
MÃE: nana o nenê ãh ãh @ pega o nenezinho pra naná então.

[3] Na transcrição, adotamos a seguinte convenção: um cabeçalho contendo os participantes da situação de enunciação, indicados pelas três letras iniciais do nome. Entre parênteses é explicitado o grau de familiaridade com a criança. Os turnos de diálogo são indicados pelas três primeiras letras do nome de cada participante. Os comentários do transcritor sobre aspectos da situação da enunciação são indicados com a expressão "Com". Entre colchetes [ ] são indicadas ações não-verbais paralelas às emissões vocais. A marca @ indica pausa e a indicação XXX refere-se a segmentos não apreendidos pelo transcritor. As letras maiúsculas marcam entonação ascendente.

Com:	a MÃE alcança um urso de pelúcia para FRA ninar.
MÃE:	**nana esse nenê aqui nana.**
FRA:	**ah, ah, ah [=embalando-se]**

Fato enunciativo 3

Participantes:	FRA (criança informante); EDU (irmão de 6 anos); PAI; MÃE (filmando) e BET (irmão de 15 anos)
Idade da criança:	1; 2.22
Situação:	FRA e EDU brincam de assustarem-se dentro de casa.
FRA:	**ah** [= engatinhando e aproximando-se de EDU]
EDU:	**AI** [= pula como se estivesse assustado]
[...]	
FRA:	**AAH [= olha para BET e grita, assustando-o]**
BET:	**ÃAI [= cai para trás como se estivesse assustado**
FRA:	**AAH [= olha para o PAI e grita, assustando-o]**
BET:	**[= riso]**
FRA:	**AHH [= olha para BET e grita, assustando-o]**
BET:	**ÃI [= vai pra trás como se estivesse assustado]**
[...]	
FRA:	**AH [= grita com BET, assustando-o]**
BET:	**ai que susto!**

Qual o papel da voz nas vocalizações aparentemente semelhantes manifestadas nas três diferentes cenas pela criança? Como formas vocais que se assemelham evocam sentidos distintos para o outro? De que modo as vocalizações da criança enunciam sentidos? Parece-nos que a criança preenche um lugar enunciativo e produz sentidos para o outro por meio da voz e de aspectos que estão para além de unidades segmentáveis da língua.

No fato enunciativo 1, vemos que o efeito da interrogação do outro sobre a criança, por meio do contorno entonacional específico, suscita da criança uma resposta como uma descrição de ação, por meio de ações verbais, com uma voz musicalizada “ah ah”, e ações não-verbais (o gesto de sacudir-se). No fato enunciativo 2, a mãe intima a criança, por meio de formas imperativas, “nana esse nenê aqui nana” e a criança preenche novamente seu lugar integrando voz e gesto, por meio da vocalização ritmada em cantiga de ninar e pela ação não-verbal de embalar-se.

Já o fato enunciativo 3 mostra, novamente, do ponto de vista linguístico *stricto sensu*, pouca diferença em relação aos anteriores, já que, em termos de língua, volta a ser atualizada a forma /a/. No entanto, se verificarmos mais atentamente, a partir de um olhar enunciativo, quanta diferença nele pode ser observada. A grande mudança operada aqui é que Francisca, de convocada pelo outro, passa a convocar o outro, percebendo o

efeito que sua voz em entonação ascendente, atualizada em discurso, e seu corpo (gesto de assustar) em movimento tem sobre o outro.

Nesse momento lógico de aquisição, os procedimentos acessórios da enunciação (SILVA; STUMPF, 2012) relacionados à voz (entonação, ritmo, aspectos prosódicos em geral) e os gestos produzem efeitos de sentido na intersubjetividade enunciativa criança-outro. E aqui o termo convocação por meio da voz recebe um estatuto importante de enlaçamento criança-outro, como vemos na interessante reflexão de Jerusalinsky:

> Vale a pena recordar que a palavra *voz* está etimologicamente relacionada com o termo *vox* do latim, que significa tanto vocalizar na língua quanto produzir um chamado. Daí os termos *invocação*, que implica chamar os deuses; *evocação*, que implica chamar à lembrança; ou *convocação*, que implica chamar entre pares. Enquanto o termo *phone*, do grego, do qual se derivam *fonação*, *afonia*, *disfonia*, *cacofonia*, refere-se especificamente à produção do som, o termo *voz* pressupõe que a produção sonora seja tomada como chamado.
>
> Nessa direção, podemos dizer que é a mãe que "dá a voz" ao bebê ao tomar suas fonações como um chamado. Se a mãe toma o grito do bebê apenas como um som, teremos ali apenas a dimensão da *phone*, mas não a da *vox*. (JERUSALINSKY, 2009, p. 106, 107, itálicos do autor)

4 PALAVRAS FINAIS

O problema da significação está no centro de uma teoria enunciativa de aquisição da linguagem, pois antes de qualquer coisa a linguagem significa; essa é, para Benveniste (1989, p.222), a sua função primordial que assegura as demais funções dela no meio humano. A significação encontra seu lugar no exercício do discurso, pois à falta de linguagem, não haveria a possibilidade de sociedade, nem de humanidade. Por isso, a experiência humana da criança na linguagem, por meio de *sua* voz, é o que lhe permite historicizar-se na dupla natureza de sua língua materna (individual e social).

A abordagem enunciativa de aquisição da linguagem, ao considerar as relações intersubjetivas, possibilita tomar as enunciações da criança como instâncias de referência e de sentido antes da adequação da forma da língua, já que, ainda que esteja constituindo língua e por ela sendo constituída, a criança está imersa na linguagem com *sua* voz como um meio pela qual assegura sua presença no mundo do homem.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história.* Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2008a.

_____. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo, 2008b.

BENVENISTE, Émile (1966). *Problemas de Linguística Geral I***.** 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.

_____. (1974). *Problemas de Lingüística Geral II.* Campinas, SP: Pontes, 1989.

BOLOGNA, Corrado. Voz. *Enciclopédia Einaudi. Volume 11 Oral/escrito argumentação*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987.

CAVARERO, Adriana. *Vozes plurais: filosofia da expressão vocal*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

FLORES, Valdir do N.; SURREAUX, Luiza Milano. A voz e a enunciação. *Estudos da linguagem sob a perspectiva enunciativa*. NEUMANN, D.; DIEDRICH, M. (Orgs.). Passo fundo: Méritos, 2012.

JERUSALINSKY, Julieta. Prosódia e enunciação na clínica com bebês. In:_____. *A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo.* São Paulo: PUC, 2009. Tese de doutorado.

PARRET, Herman. *La voix et son temps*. Bruxelas, Bélgica: De Boeck & Larcier, 2002.

ZUMTHOR, P. *Introdução à poesia oral*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

MESCHONNIC, Henri. *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*. Éditions Verdier, Lagrasse, 1982.

SILVA, Carmem Luci da C. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição***.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

SILVA, Carmem Luci da C.; STUMPF, Elisa. O papel dos índices específicos e dos procedimentos acessórios na enunciação e na metaenunciação da criança. *Desenredo.* Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo - v. 8 - n. 1 - p. 115-143 - jan./jun. 2012